



ORIGINAL
ORIGINAL

Editor

Renata Baesso

Conflito de interesses

Não há conflito de interesses.

Recebido

4 dez. 2022

Aprovado

2 out. 2023

O sagrado na paisagem: hierofanias do ambiente natural

Sacred in the landscape: hierophanies of the natural environment

Daiane Romio Duarte¹ , Alina Gonçalves Santiago¹ 

¹ Universidade Federal de Santa Catarina, Centro Tecnológico, Programa de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo. Florianópolis, SC, Brasil. Correspondência para/Correspondence to: D.R. Duarte. E-mail: dduarte895@gmail.com

Artigo elaborado a partir de tese de D.R. DUARTE, intitulada "O Sagrado na Paisagem Natural". Universidade Federal de Santa Catarina, 2022.

Como citar este artigo/How to cite this article: Duarte, D.R.; Santiago, A.G. O sagrado na paisagem: hierofanias do ambiente natural. *Oculum Ensaios*, v. 21, e247187, 2024. <https://doi.org/10.24220/2318-0919v21e2024a7187>

Resumo

O entendimento de sagrado acompanha a humanidade ao longo do tempo, em que sua leitura simbólica pode ser vista no ambiente natural através das paisagens. O presente artigo faz uma análise de cinco paisagens culturais que apresentam atributos naturais relacionadas com a visão de sagrado, na busca da identificação e do entendimento desses significados para seus povos nativos. Como base de dados, foram utilizados os arquivos elaborados para a inclusão dessas paisagens na lista de patrimônio mundial. Como método para tratamento de dados foi escolhido a Análise de Conteúdo. Como resultado, a pesquisa identifica as leituras individuais das paisagens com base nas características ambientais e diversos pontos em comum tanto nos atributos existentes nas paisagens como na leitura dos significados dos diferentes grupos culturais.

Palavras-chave: Ambiente natural. Atributos da paisagem. Características físicas. Espaço sagrado. Paisagem cultural.

Abstract

The understanding of sacred accompanies humanity over time, where its symbolic reading can be seen in the natural environment through landscapes. This article analyzes five cultural landscapes that have natural attributes related to the sacred, searching for the identification and understanding of these meanings for their native peoples. As a database, nomination files for the inclusion of these landscapes in the world heritage list were used. As a method for data processing, content analysis was chosen. As a result, the research identifies the individual readings of landscapes based on environmental characteristics as well as several common points in existing attributes in landscapes and also in the reading of the meanings through different cultural groups.

Keywords: Environmental physical features. Landscape attributes. Natural environment. Physical characteristics. Sacred space.

Introdução

O entendimento de sagrado acompanha a humanidade desde muito tempo, em que os registros da visão mítica que o ser humano atribui ao mundo são tão

antigos quanto sua história. O humano se relaciona com o meio e dá valor às coisas como forma de identificar, interagir e coexistir em sua realidade. Frequentemente, o ambiente natural, em suas diversas expressões, é o meio relacional para essa identificação do humano com o sagrado, para expressar suas crenças e se relacionar com o mundo sobrenatural. Assim, paisagens sagradas são encontradas, ao longo do mundo, e estão vinculadas a diversas culturas diferentes. Muitas dessas culturas só sobrevivem devido ao seu forte vínculo com o espaço da paisagem e de seus atributos.

Apesar de sua importância, as paisagens naturais sagradas estão sob crescente pressão por diversos fatores, entre eles, o desenvolvimento das cidades, do turismo e a expansão agrícola. Os conflitos atuais entre as diferentes necessidades das pessoas e da conservação da natureza estão exigindo planejamento democrático e melhores ferramentas de gestão. Locais sagrados para os povos indígenas, mesmo em países desenvolvidos, estão ameaçados e carecem de proteção.

Nesses casos, a abordagem da paisagem como forma de garantir a conservação do patrimônio cultural parece ser a melhor ferramenta, já que compreende em si a complexidade tanto do patrimônio material como imaterial, e engloba o entendimento cultural sobre os bens naturais do espaço, proporcionando uma análise integrada. A abordagem a partir da paisagem, com o objetivo de conservação da cultura, é um conceito recente em sua aplicação e a legislação nacional sobre o tema ainda está em processo de maturação. A gestão da paisagem demanda um gerenciamento compartilhado como forma de acompanhar, e não impedir, as mudanças da paisagem, sem perder seus significados para os povos que lá habitam ou dela necessitam. Assim, esta abordagem tem apresentado diversos desafios que exigem uma nova visão para considerar a evolução das paisagens. Dada a importância e a fragilidade das paisagens naturais sagradas, é necessário garantir um gerenciamento mais eficiente. Para tanto, deve ser reconhecida a legitimidade dos valores sagrados da natureza, trabalhando em cooperação com as populações nativas para garantir que os valores espirituais e culturais sejam efetivamente preservados dentro dessas áreas.

Acredita-se que a identificação dos atributos físicos relevantes (que trazem em si elementos simbólicos e propiciam a conexão do humano com o sagrado) podem contribuir como base teórica na gestão de paisagens culturalmente significativas. Buscando entender melhor a composição e os significados dos elementos naturais da paisagem sacra para diferentes comunidades, foram estudados cinco locais. As paisagens de Papahānaumokuākea, nos Estados Unidos, Uluru-Kata Tjuta, na Austrália, Tongariro, na Nova Zelândia, Pimachiowin Aki, no Canadá, e Tran An, no Vietnã, foram avaliadas na busca de similaridades de ocorrência de elementos naturais e de seus valores culturais.

O estudo se inicia com uma breve revisão de literatura sobre os conceitos, seguido da exposição dos procedimentos metodológicos utilizados. Posteriormente, são colocados os resultados das análises individuais e de conjunto com suas discussões e, ao final, são listadas as conclusões da pesquisa.

Paisagens e o sagrado

O entendimento de sagrado está vinculado ao que é diferente do mundo normal, do tradicional, do comum, que é chamado de profano (Eliade, 1999). Ao longo da história humana, a religião tem sobrevivido às drásticas mudanças econômicas e sociais e ainda permanece com tenacidade e grande capacidade de infiltração. A onipresença e sua persistência, ao longo do tempo, indicam que a religião preenche uma necessidade humana, sendo parte da característica natural do

ser humano. A experiência da sacralidade implica em um sentimento de transcendência para fora das condições do lugar-comum e da normalidade. Um espaço sagrado pode projetar experiências nas quais características físicas se transformam em sentimentos carregados, metafisicamente, de realidade transcendental e significados espirituais (Pallasmaa, 2015). Esses ambientes são de inspiração, revelação, cura, reverência e comunhão com a natureza, em que podem ocorrer cerimônias e rituais. Existem diversas escalas de abrangência do espaço sagrado, no qual alguns sítios podem ser reconhecidos a nível global, enquanto outros são conhecidos por apenas pequenos grupos sociais ou grupos limitados de indivíduos (Thorley; Gunn, 2007).

Desde muito tempo, comunidades aprenderam a respeitar o poder dos elementos naturais, estabelecendo também relações sagradas e espirituais com a natureza e a diversidade que são transmitidas através da paisagem (Niglio, 2018). Na atualidade, muitas comunidades nativas continuam a considerar a natureza como uma experiência espiritual, na qual a relação com essas paisagens é permeada de sentimentos de reverência, paz, humildade, gratidão, harmonia, unidade, pertencimento e identidade. Os valores sagrados ou o significado de uma paisagem servem como catalisadores para diferentes formas de identidade local. As florestas sagradas e sua preservação pelas populações locais, por meio da cultura, formam o caráter identitário de tais comunidades.

Conforme a Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (2019), a paisagem abarca uma grande variedade de manifestações interativas entre a humanidade e o seu ambiente natural. Frequentemente, refletem técnicas específicas de utilização sustentável dos solos, tomando em consideração as características e os limites do ambiente natural em que são estabelecidas, bem como uma relação espiritual específica com a natureza. A proteção das paisagens pode contribuir para o uso sustentável das terras e para manter ou reforçar os valores naturais da paisagem.

Na década de 1920, a geografia estabelecia a diferença entre paisagem natural e cultural, em que a área original era a paisagem natural e, com a interferência física do ser humano, ao longo do tempo, tornava-se uma paisagem cultural. Essas definições evoluíram com o passar do tempo para conceitos mais dinâmicos, em que a paisagem é vista como a união de diversas esferas. Enquanto na geografia física prevalece um entendimento da paisagem como sistema ecológico, a geografia humana aponta mais em uma abordagem interpretativa. Abre-se, dessa forma, no entendimento da paisagem, uma dialética entre o concreto e o abstrato, seja em termos materiais ou de significação (Schier, 2003). Assim, é possível haver interações culturais com uma paisagem e esta ainda continuar a ser entendida como uma paisagem natural, pois suas características físicas naturais permanecem, significativamente, presentes.

Mu (2015) aponta que as paisagens sagradas envolvem uma estrutura complexa que transcende o contexto religioso e incorpora todas as características espirituais, físicas e culturais de uma paisagem. Estas devem incorporar crenças espirituais abstratas às estruturas físicas do local sagrado, aliadas a rituais que reforçam a crença. Com isso, a paisagem sagrada engloba várias formas de interação entre o reino dos seres humanos e o transcendente. A paisagem sagrada incorpora histórias, mitos, lendas, rituais e valores espirituais que estão profundamente enraizados na cultura e tradição local. O forte apego emocional e a conexão espiritual que os moradores locais têm com a paisagem derivam de seu contato frequente e da experiência com a paisagem no cotidiano (Mu, 2015). A perspectiva desses grupos humanos, em relação a uma paisagem sagrada, vai além das características tangíveis da paisagem, em uma conexão com sua identidade e herança cultural compartilhada.

Considerando a classificação das paisagens estabelecida pela Organização das Nações Unidas para a Educação, Ciência e a Cultura (2019), a paisagem natural sagrada está dentro do entendimento de Paisagem Cultural Associativa, que abrange os locais com poderosas associações religiosas, artísticas ou culturais do elemento natural. Neste enquadramento, as evidências culturais materiais podem não ser tão representativas ou até estarem ausentes. A paisagem é compreendida aqui muito mais pela associação simbólica da humanidade com o ambiente do que pela alteração física do ambiente.

De acordo com Irani Behbahani, Shirazd e Momeny (2011), nas paisagens naturais sagradas existe uma forte sinergia entre a biodiversidade e a cultura. A natureza produz luz, ar, comida e água em processos dinâmicos necessários para a sobrevivência dos seres humanos, em que existe uma relação simbiótica entre diversidade biológica e cultural. Esse relacionamento é um fator importante para garantir o desenvolvimento humano sustentável. Os autores colocam que essa consciência da vida na natureza como pré-condição para a sobrevivência humana levou ao culto à luz, ao ar, à comida e à água. Os mesmos autores, ao estudarem o caráter da paisagem sagrada de Seydan, no Irã, identificam que os aspectos naturais mais significativos do local são as montanhas, as águas correntes e densa cobertura vegetal. Já Wild e McLeod (2008) mostram a ligação dos espaços naturais sagrados com a beleza, entendendo que a estética pode ser fator gerador da conexão com o sagrado, atribuídos valores espirituais ou de poder. Paisagens dramáticas, formações rochosas imponentes, montanhas, cachoeiras, árvores centenárias, todos esses aspectos da natureza podem mexer com o espírito. A beleza e o poder da natureza são temas recorrentes em culturas que valorizam locais e paisagens sagradas.

Rosendahl (1996) coloca que o humano consagra o espaço porque tem a necessidade de viver em um mundo sagrado. Segundo ela, é possível definir o espaço sagrado como um campo de forças e de valores que eleva o ser humano religioso acima de si mesmo, que o transporta para um meio distinto daquele no qual transcorre sua existência. Rosendahl (2018) indica que é possível distinguir dois elementos fundamentais no espaço sagrado: o “ponto fixo” e o seu entorno. O “ponto fixo” é o *locus* da hierofania e, como tal, é reconhecido por indivíduos e grupos de devoção. O entorno é a área vivamente utilizada para o crente realizar suas práticas religiosas e o roteiro devocional.

Frascaroli *et al.* (2019), em seus estudos, investigaram características da paisagem em Sítios Naturais Sagrados na Itália. Os autores avaliaram a localização e as características de relevo desses sítios, confrontando com dados de áreas de proteção ambiental. Os autores identificaram a presença de 2.332 desses sítios, que são mais frequentemente associados a paisagens culturais em elevações baixas e médias e em ambientes extensivamente agrícolas e periurbanos.

Um importante estudo sobre Sítios Naturais Sagrados no Brasil foi desenvolvido por Fernandes-Pinto e Irving (2018). A partir da literatura, as autoras mapearam 60 locais em que elementos naturais são imbuídos de sacralidade. Os sítios sagrados estão distribuídos por 14 estados brasileiros, envolvendo crenças católicas, religiões de matrizes africanas e associações com povos indígenas, populações quilombolas, agricultores e pescadores artesanais. Os Sítios Naturais Sagrados brasileiros apresentam grande variedade de feições morfológicas, como: grutas; elevações montanhosas, grandes afloramentos rochosos, áreas de vegetação nativa, fontes de córregos e cachoeiras.

Nota-se que, na literatura, os conceitos de sítio e paisagem sagrada se confundem, sendo analisados em um conceito integrado e muitas vezes sobreposto. Para melhor entendimento, neste estudo delimitou-se o conceito de Sítio Natural Sagrado como o ambiente físico em sua menor escala, o espaço primário do sagrado, muitas vezes entendido de forma estática. Um pequeno

bosque ou locais específicos como uma gruta, uma rocha ou uma corredeira, com seu entorno imediato, podem ser incluídos nessa classificação de sítios naturais sagrados, quando o ser humano faz a relação destes lugares com o transcendente. Já a Paisagem Natural Sagrada pertence a uma escala maior, considerando a interação dos povos com o lugar em uma escala de tempo. Assim, definiu-se a Paisagem Natural Sagrada como uma porção peculiar do território que mantém suas características físicas e biológicas naturais, em que um ou mais grupos humanos, ao longo de sua evolução, atribuíram valores relacionados ao sagrado, à cosmologia ou ao transcendente. A paisagem natural sagrada engloba as expressões de seu povo em relação ao sagrado, as relações humanas com o ambiente e sua expressão cultural, que também é resultado desse entorno. As formas de viver humanas, suas representações dos mitos, os rituais exercidos, as relações com os outros seres vivos (animais e plantas) e não vivos (rochas, relevo, corredeiras etc.) e os saberes passados de geração a geração são todos parte do entendimento desta paisagem.

Procedimentos Metodológicos

A pesquisa é de caráter exploratório e se utiliza de dados contidos nos documentos relacionados às paisagens culturais que compõem a Lista de Patrimônio Mundial junto à Organização das Nações Unidas para Educação, Ciência e Cultura (UNESCO). Para a pesquisa, foram selecionadas todas as paisagens culturais que apresentam uma relação dos elementos naturais com o sagrado para seu povo nativo (ver Quadro 1). A partir dos documentos de nomeação, dispostos nos arquivos da UNESCO (disponíveis no site <https://whc.unesco.org>), foi utilizado o método de Análise de Conteúdo para tratamento dos dados de cada paisagem. As análises individuais focaram em destacar: (a) os elementos do ambiente natural identificados como importantes na relação com o sagrado naquela paisagem, (b) os significados de cada elemento e (c) se eles são entendidos em conjunto para compreensão do sagrado. Já as comparações entre paisagens buscavam: (a) existência ou não de repetição dos elementos, (b) similaridades de significados nos elementos repetidos e (c) similaridade de conjuntos de elementos.

Quadro 1 - Lista de paisagens da amostra.

n.	Paisagem	País	Ano de Inscrição	Numeração de Referência da Lista de Patrimônio Mundial
1	Papahānaumokuākea	Estados Unidos	2010	1326
2	Parque Nacional Uluru-Kata Tjuta	Austrália	1987, 1994	447rev
3	Parque Nacional Tongariro	Nova Zelândia	1990, 1993	421bis
4	Pimachiowin Aki	Canadá	2018	1415rev
5	Complexo Paisagístico de Trang An	Vietnam	2014	1438bis

Fonte: Elaboração de Daiane Romio Duarte a partir de dados disponíveis no site <https://whc.unesco.org>, 2022.

Resultados e Discussão

Os resultados e as discussões serão colocados, primeiramente, de forma individual, separados por paisagem analisada. Todas as descrições e caracterizações são extraídas dos documentos originais de nomeação de cada paisagem. Depois de colocadas as discussões individuais, são percorridas as comparações dos resultados entre as cinco paisagens. Ao final, são feitas análises comparativas de conjunto de elementos.

Papahanaumokuakea

A paisagem de Papahanaumokuakea contempla uma sequência de ilhas vulcânicas em local isolado, referenciadas a partir do Trópico de Câncer e com abundância de vida, tanto em quantidade, quanto em diversidade, que faz com que este local seja reconhecido como especial e com forte associação ao sagrado (State of Hawai'i, 2009). Por essas características, a ilha de Mokumanamana é entendida como a divisa entre o mundo da escuridão e o mundo dos vivos. O mundo para além da divisa, contido em Papahanaumokuakea, é o lugar do divino, origem e fonte de vida em abundância, o qual é dever humano de manter e cuidar. Esta visão de local sagrado está intimamente ligada à relação de respeito à natureza, às estruturas geológicas e a todos os seres, estabelecida pelo povo havaiano. Todos os seres são entendidos como uma única família evoluída, a partir de uma forma mais primitiva de vida. Os ancestrais se comunicam com os vivos, nessa região, através dos sinais na natureza (céu, mar, animais *etc.*) e os humanos devem ter a responsabilidade de manter o conhecimento e zelar pela natureza em equilíbrio (State of Hawai'i, 2009).

Em Papahanaumokuakea, a paisagem oceânica é uma forte característica, em que a vastidão predomina tanto para o céu quanto para o mar. A terra, apresentada em forma de ilhas rochosas com modesta incidência de vegetação, forma pontos referenciais em meio ao oceano (State of Hawai'i, 2009). Essas formas (pequenas ilhas rochosas) destacadas na vastidão do oceano podem ser entendidas como uma ruptura de nível, na qual o espaço é percebido de forma não homogênea e uma experiência primordial, como descreve Eliade (1999). Wild e Mcleod (2008) complementam que paisagens dramáticas, formações rochosas imponentes podem trazer o caráter sagrado ao espaço. Assim, as ilhas tornam-se espaços qualitativamente diferentes, caracterizando-se em espaços sagrados.

O deslocamento entre as ilhas é desafiador (State of Hawai'i, 2009) e este processo pode ser visto como uma provação ou um ritual iniciático ligado à dificuldade de passagem, como forma de se tornar digno de entrar no local sagrado, como descrito por Eliade (1999) e por Carvalho (2014). A ilha de Mokumanamana, localizada na latitude do Trópico de Câncer, onde o sol fica por mais tempo durante o período de solstício, estabelece os limites do mundo divino e do mundo dos vivos, se tornando a linha divisória e o local de encontro dos dois mundos. Os alinhamentos de pedra orientados para o solstício de Mokumanamana e Nihoa afirmam a importância desses ciclos naturais para os havaianos e exaltam a qualidade dessas ilhas (State of Hawai'i, 2009). Esse fato vai ao encontro das colocações de Burkert (1996), quando este afirma que os humanos podem adicionar marcos à paisagem, que a manipulação ou a marcação de componentes sólidos, como as rochas, identificam a presença humana, demarcando caminhos e dando um senso de familiaridade à paisagem.

A diversidade e a abundância das diversas formas de vida são características marcantes que, mesmo as espécies comuns a outros lugares, são encontradas em tamanho maior nesta região (State of Hawai'i, 2009). Os nativos havaianos entendem a natureza como fonte de conhecimento, uma sabedoria que pode ser acessada através da conexão e do respeito com os seres vivos e as estruturas geológicas. A responsabilidade de cuidar da natureza como uma grande e única família é aceita pelos nativos havaianos, com a visão de que tudo está relacionado.

Uluru – Kata Tjuta

A região central australiana, onde se encontra o Parque Nacional Uluru-Kata Tjuta, é caracterizado por vastas planícies de solo vermelho de clima desértico, em que a monotonia da paisagem é quebrada por enormes saliências de rocha e dois locais específicos: Uluru e o conjunto

de Kata Tjuta. A profunda interação do povo Anangu com seu ambiente, resultado da adaptação milenar ao ambiente do deserto, permitiu que estes povos desenvolvessem modos de vida baseados em fontes de água, sendo uma das poucas culturas caçadoras-coletoras contemporâneas (Director of National Parks, 2010).

Os monólitos de cor avermelhada de Uluru e Kata Tjuta se destacam na paisagem e propiciam habitats e microclimas específicos (Director of National Parks, 2010). As formas rochosas que se destacam na paisagem plana do deserto podem ser entendidas como uma ruptura de nível, espaço não heterogêneo e uma experiência primordial segundo Eliade (1999). O destaque na paisagem é também descrito por Lynch (1997) e Burkert (1996) como marco referencial do território e de hierarquia superior, segundo Ching (2013).

As centenas de pinturas rupestres encontradas nas faces de rocha e abrigos dos monólitos guardam a história e a cultura do povo Anangu e suas ocorrências estão fortemente associadas aos lugares ao sagrado (Director of National Parks, 2010). Segundo Burkert (1996) e Claval (2007), o ser humano acrescenta marcações nos ambientes como forma de identificar a presença humana no ambiente e acrescentar significados ao espaço.

Nos períodos de chuva, as extensas superfícies rochosas coletam, direcionam e armazenam água, fazendo com que as regiões próximas tenham fauna e flora mais prolífera no seu entorno. Diversas espécies de plantas e animais subsistem de forma endêmica no local, dependendo desse restrito ecossistema (Director of National Parks, 2010). Nessa paisagem, diversos animais e plantas são considerados seres portadores dos espíritos ancestrais e guardam os lugares importantes para a sobrevivência da vida, como as fontes de água. O povo Anangu é extremamente dependente da fauna e da flora existente na natureza, já que sobrevivem da caça e coleta de alimentos (Director of National Parks, 2010).

Kaplan e Kaplan (1989) e Ulrich (1984) indicam que a presença de água é um fator importante para aumentar a qualidade do ambiente, sob o ponto de vista humano. Aliada a isso, está a teoria de Gibson (1986), que sustenta que a qualidade do ambiente para o humano é avaliada na medida que o ambiente atende às necessidades humanas para sua sobrevivência. Assim, pode-se entender que as áreas de Uluru e Kata Tjuta e redondezas apresentam qualidades elevadas em relação ao seu entorno, já que oferecem fonte de água, fauna e flora mais abundante, resultando em melhores condições de sobrevivência.

O povo Anangu se utiliza de caminhos que interligam os locais sagrados, cujo acesso é restrito a determinados grupos (Director of National Parks, 2010). A forma de gestão da área através da Lei Tjukurpa expressa o alto nível de conexão do povo com sua terra, explicitando e garantindo a permanência do elo afetivo entre os humanos e o ambiente físico circundante, como visto nas teorias de Tuan (1980) e seu conceito de “topofilia”.

A paisagem do deserto vermelho com a presença marcante dos monólitos, mostra uma beleza única, incomparável a outros locais do mundo (Director of National Parks, 2010). Esse fato também pode contribuir para a visão de sagrado, que Brown (2019) afirma que beleza pode estar ligada ao sagrado e Untea (2020) pondera que a beleza na natureza pode gerar sentimentos significativos, fazendo que se perceba a beleza como sagrada e perene. Nessa questão, é necessário mencionar que os monólitos são formações rochosas que, na literatura, também estão ligadas ao sentimento de poder, firmeza, permanência e ao transcendente (Eliade, 1999). Portanto, tanto pelo destaque na paisagem de grande beleza, quanto pela presença de água e formas de vida (animais e plantas), Uluru e Kata Tjuta formam espaços qualitativamente diferentes, podendo ser destacados da normalidade da paisagem e do ambiente circundante.

Tongariro

O conjunto de vulcões ativos que forma o Parque Nacional de Tongariro representa, para os nativos, a força da natureza perante a fragilidade do homem, em que se está expresso o sagrado. O poder e a força dos vulcões estão sempre presentes, sendo necessário o monitoramento da região para as atividades vulcânicas (New Zealand, 2006). Pungetti e Cinquepalmi (2012) confirmam esta colocação quando estabelecem que vulcões, com seu contorno distinto e cumes perigosos são considerados sagrados para determinadas populações. Dessa forma, a essência do sagrado pode ser gerada pela sensação de espanto e medo causada pelo vulcão. Vale lembrar a colocação de Eliade (1999), em que o sagrado equivale ao poder e que o divino, no espaço, mostra-se em relações não homogêneas. Além disso, Durkheim (1996) afirma que tudo que é retirado do uso comum passa a compreender um ideário de divinização.

Em Tongariro, o terreno plano do entorno contrasta com a região central montanhosa com todas suas características peculiares, de onde vem o poder do fogo e surgem os rios que propiciam a vida. A combinação entre montanhas no coração da ilha, lagos, rios, pedras e relevo plano ao redor forma a paisagem de grande beleza. Na visão Maori (povo indígena da Nova Zelândia), todos os elementos estão interligados, fazendo com que todo o ambiente seja entendido como conjunto e parte essencial para a harmonia da natureza. Os deuses e os ancestrais representados nos vulcões contêm as forças espirituais que comandam e dão vida ao mundo natural (New Zealand, 2006).

É nesse cenário, na junção das condições severas dos cumes com a docilidade da vida no planalto, que o povo Maori entende a vida na terra como uma dádiva (New Zealand, 2006). Esse contraste claro entre o local da vida cotidiana e o espaço isolado e de difícil acesso pode dar o senso de sagrado ao local (Durkheim, 1996; Eliade, 1999). Assim, a vida cotidiana, agitada e profana, separa-se do sagrado, localizado nos cumes, onde há solidão, quietude e poder. A presença significativa de água nas montanhas através de grande quantidade de lagos, córregos e rios que correm em direção à área plana favorecem a vida na planície. Segundo Eliade (1999), as fontes de água vindas das montanhas podem ser vistas como uma força divina.

A localização das montanhas vulcânicas, no centro da Ilha do Norte, está associada, para o povo Maori, ao coração. Dessa forma, o coração humano está conectado ao centro da terra e os dois entes (vulcão e ser humano) fazem parte de um só. Essa ideia reforça a leitura de que toda a criação foi realizada pelo encontro do Céu (*Ranginui*) e da Terra (*Papatuanuku*), em que as montanhas foram os primeiros filhos e o ser humano o último dos descendentes. Com isso, toda a natureza apresenta relações de parentesco, estando intimamente relacionadas (New Zealand, 2006).

O conjunto da paisagem de Tongariro forma uma beleza cênica extraordinária, gerada pelos contrastes do céu com as montanhas e o planalto de terra (New Zealand, 2006). Aqui também vale citar que a beleza da paisagem pode emanar conexão com o transcendente, gerando sentimentos significativos e trazendo a percepção de sagrado e perene (Brown, 2019; Untea, 2020).

Pimachiowin Aki

Pimachiowin Aki cobre uma enorme área territorial e se estabelece no coração do Escudo Boreal norte-americano. É uma região distante dos grandes centros, com limitações de acesso, onde o rigoroso clima impõe suas limitações e adaptações dos seres vivos para sobrevivência. Pimachiowin Aki significa “terra que dá vida”, na qual a terra é entendida pelo povo nativo como um todo, em que tudo está em equilíbrio e é fonte de vida (Pimachiowin Aki World Heritage Project, 2016). A terra, com tudo que nela habita, é um presente do Criador, é seu jardim sagrado, onde

todos os seres têm um papel, uma responsabilidade, para manter a harmonia e desfrutar de uma boa vida. Ao fazer esse trabalho designado e tratar com respeito os outros seres, toda criatura honra seu Criador e mantém a abundância em torno de si e dos demais. O Povo Ojibue é inseparável do aki, onde está o centro de sua existência (Pimachiowin Aki World Heritage Project, 2016). Essa visão confirma a teoria de Gibson (1986), em que o homem avalia a qualidade ambiental, de acordo com a capacidade do ambiente de atender suas necessidades de sobrevivência.

Para o povo nativo, os cursos d'água são o sangue vital do aki. É o que propicia a vida, garante alimento e conecta todos os seres e lugares. Toda a água é sagrada, mas também alguns lugares específicos de corpos d'água são locais de respeito, como algumas corredeiras (Pimachiowin Aki World Heritage Project, 2016). Esse entendimento da água como um bem sagrado está de acordo com a teoria de Eliade (1999) que afirma que as águas podem simbolizar a essência da vida e de todas as suas potencialidades. As águas também proporcionam os caminhos e a mobilidade para o povo de Pimachiowin Aki. Os caminhos são desafiadores, mas necessários para a sobrevivência (Pimachiowin Aki World Heritage Project, 2016). Carvalho (2014) menciona os caminhos como parte do sagrado, pois são nas dificuldades do caminho que o ser humano adquire as qualidades necessárias para entrar no local sagrado. Os caminhos que ligam o lugar comum ao espaço sagrado participam do processo de transformação humana e se tornam parte do sagrado (Cianca, 2019; Carvalho, 2014)

Algumas ilhas em Pimachiowin Aki são sagradas. São locais reservados, de isolamento, em que é possível fazer um afastamento das atividades cotidianas para execução dos rituais (Pimachiowin Aki World Heritage Project, 2016). Essas ilhas também podem ter seu espaço entendido como uma ruptura de nível, tornam-se espaços qualitativamente diferentes, como descrito por Eliade (1999). São áreas que se sobrepõem aos vastos planos de água, dando o caráter de marco na paisagem (Lynch, 1997); Burkert, 1996) e, ao mesmo tempo, proporcionando o isolamento necessário às atividades sagradas. De acordo com Ching (2013), as ilhas podem ser vistas como uma hierarquia superior, devido ao seu destaque na paisagem.

As rochas desempenham um papel essencial na caracterização do espaço sagrado de Pimachiowin Aki, nas quais atuam, principalmente, em conjunto com a presença de água e com o céu. Desde conjuntos de rochas organizadas em formato de pilhas, pequenas cavernas, além de encostas e falésias são consideradas sagradas, em que cada uma exerce um diferente papel na associação com seres sobrenaturais (Pimachiowin Aki World Heritage Project, 2016). Essa visão corrobora com o descrito por Eliade (1999) e Moura Neto (2009) que explicam que os humanos atribuem a determinadas formações rochosas uma condição de sacralidade.

O céu é reconhecido, nessa paisagem, como morada de seres sagrados e de seus ajudantes. É dos céus que provém forças sobrenaturais, como as chuvas e os relâmpagos, que geram o fogo e proporcionam a renovação da terra (Pimachiowin Aki World Heritage Project, 2016). Na bibliografia, Eliade (1999) confirma a ligação do céu com o sagrado. Este autor também descreve a associação do voo pelo céu (nessa paisagem, visto como o voo do Pássaro Trovão e pela águia careca) como modo de ser sobre-humano, ligado ao magnífico e ao divino.

Trang An

Os característicos picos de rocha do relevo de Trang An (promovem proteção e isolamento físico, em relação às demais regiões e é entendido como o coração do Vietnã (Vietnam, 2014; Ninh Binh, 2013). Os picos podem ser entendidos como espaços de ruptura de nível e experiência primordial, como mencionado por Eliade (1999). Wild e Mcleod (2008) afirmam que paisagens

dramáticas e formações rochosas imponentes, como as encontradas em Trang An, podem trazer o caráter sagrado ao espaço. Há um forte entendimento de território defendido e protegido (Vietnam, 2014; Ninh Binh, 2013). Aqui cabe lembrar a teoria de Gibson (1986), que coloca que a qualidade do ambiente é avaliada na medida em que o ambiente atende às necessidades humanas para sua sobrevivência.

As cavernas existentes nos rochedos promovem espaços de proteção e segurança, onde o ser humano tem se refugiado desde os tempos da pré-história. Em Trang An, diversas cavernas são lugares de culto e veneração e suas qualidades ambientais se referem a espaço misterioso, de conexão entre a luz natural e a escuridão do subterrâneo (Vietnam, 2014). Os autores Eliade (1999), Panzini (2013) e Sponsel (2015) colocam que as cavernas são percebidas pelo ser humano como locais diferenciados que fazem a interface entre o natural e o sobrenatural, facilitando a perspectiva holística. Cassirer (2004) confirma que os contrastes de luz despertam o sentimento e a visão mítica.

As planícies de Trang An proporcionam espaços de plantio para a produção de alimentos e, ao mesmo tempo, fornecem caminhos, seja por terra ou pela água. Os extensos córregos e lagos das planícies, com suas águas calmas formam uma complexa rede de conexões entre os diversos lugares da paisagem (Vietnam, 2014). Tanto os autores Kaplan e Kaplan (1989) e Ulrich (1984) afirmam que a presença de água aumenta a qualidade do ambiente percebido pelo humano. As águas calmas trazem sensação de tranquilidade ao povo local e visitantes. Nasar e Li (2004) identificam que águas calmas propiciam sensação de harmonia e tendem a prender a atenção do observador em relação a água corrente. As águas de Trang An também fornecem alimento, como peixes e caranguejos, que sustentam a vida humana no ambiente (Vietnam, 2014).

O céu também é um componente significativo na paisagem de Trang An. Quando está em névoa, proporciona uma sensação de maravilha e mistério. Ao prover a chuva, garante o abastecimento de água da paisagem, que está isolada das demais redes hidrográficas. Quando o céu está em tom azul, produz uma bela composição de cores em conjunto com os picos, as florestas e as rochas (Vietnam, 2014). Untea (2020) afirma que a sensação de fascínio e mistério, ocasionadas pela percepção da natureza e de uma paisagem majestosa, pode ser associada ao sagrado. Segundo Nurfaida *et al.* (2019), a paisagem dominante de céu azul passa a sensação de frescor, calma e conforto.

A paisagem de Trang An mostra grande beleza cênica, seja a partir da planície ou do alto dos picos rochosos, em que seu povo encontra a conexão com a natureza e com o sagrado. Sua paisagem, protegida e calma, produz uma sensação de tranquilidade tanto para o povo local quanto para os visitantes (Vietnam, 2014). É válido lembrar que Horster (2010) associa o sagrado à tranquilidade, à beleza extraordinária, à abundância e à fertilidade, como é encontrado em Trang An. A ocorrência de névoa, na paisagem de Trang An, também corresponde ao encontrado na pesquisa de Nurfaida *et al.* (2019), que constataram os picos cobertos de nuvens apresentam uma alta qualidade cênica.

Comparações entre as paisagens

Os elementos naturais identificados como significativos para a leitura do sagrado em cada paisagem foram agrupados para fins de análise. As informações tabuladas estão contidas na Tabela 1, na qual os elementos naturais relacionados ao sagrado presentes nas paisagens (aqui chamados de atributos da paisagem) repetem-se em parte dos casos.

Tabela 1 – Agrupamento dos atributos das paisagens analisadas

n.	Atributos	Paisagem onde ocorre					FREQ.
		Papahanau mokuakea	Uluru-Kata Tjuta	Tongariro	Pimachiowin Aki	Trang An	
1	Terra (território e solo)	X	X	X	X	X	5
2	Rochas	X	X	X	X	X	5
3	Encostas e Penhascos	X	X	X	X	X	5
4	Água Doce	X	X	X	X	X	5
5	Caminhos	X	X	X	X	X	5
6	Beleza		X	X	X	X	4
7	Montanhas e Picos	X	X	X		X	4
8	Céu	X		X	X	X	4
9	Centralidade		X	X	X	X	4
10	Vida	X	X		X	X	4
11	Animais	X	X		X	X	4
12	Fogo	X	X	X	X		4
13	Ambiente inóspito	X	X	X	X		4
14	Paisagem de Contraste	X	X	X		X	4
15	Vastidão	X	X	X	X		4
16	Isolamento	X		X	X	X	4
17	Registros Arqueológicos	X	X		X	X	4
18	Relevo Plano		X	X		X	3
19	Ilha	X		X	X		3
20	Cavernas e Reentrâncias		X		X	X	3
21	Mar	X		X		X	3
22	Plantas e Florestas		X		X	X	3
23	Vulcão	X		X			2
24	Contraste de Luz (Luz x Escuridão)	X				X	2
25	Orientação geográfica	X		X			2
	SOMA	20	18	19	18	19	

Fonte: Daiane Romio Duarte (2022).

Os atributos encontrados em todas as cinco paisagens analisadas são: Terra, Rochas, Encostas e Penhascos, Água Doce e Caminhos. Assim, as cinco paisagens analisadas são similares, na visão integrada da terra, como um espaço que é, ao mesmo tempo, território, base para a vida humana e fonte de conhecimento. Variados nomes (Papahanaumoku, Ngura, Papatuanuku, Aki) expressam esse entendimento do ser humano como parte de um todo complexo e em equilíbrio. Em todas elas, as rochas também exercem um papel fundamental na paisagem, na qual as encostas e penhascos trazem uma marcante dramaticidade ao cenário. A água doce, também presente em todas as paisagens, ocorre em formatos diversos como nascentes, córregos, lagos e rios, variando entre as águas calmas de Trang An até as mais turbulentas, como das corredeiras de Pimachiowin Aki. Os caminhos, identificados como característica de todas as paisagens, fazem parte dos costumes tradicionais de seus habitantes. Seja pela água ou pela terra, esses caminhos

são conexões entre os diversos lugares significativos de seus povos. É importante notar que, apesar da paisagem de Papahanaumokuakea não identificar, nos seus textos, a beleza como uma qualidade significativa, ela, assim como todas as demais, apresenta cenários de grande beleza. Também Uluru-Kata Tjuta apresenta claramente o céu em grande proporção na paisagem, mas este atributo não está mencionado na documentação, o que não torna possível a leitura deste item como parte do entendimento do sagrado para seus nativos.

Os atributos que ocorrem em quatro paisagens são: Montanha, Centralidade, Beleza, Vida, Animais, Fogo, Ambiente Inóspito, Registros Arqueológicos, Paisagem de Contraste, Céu, Vastidão e Isolamento. Os atributos Planície, Ilha, Caverna e Reentrâncias, Mar, Plantas e Florestas aparecem em três paisagens. Já os atributos Vulcão, Contraste de Luz (Luz x Escuridão) e Orientação Geográfica ocorrem em apenas duas paisagens da amostra.

Todas as paisagens apresentaram entre 18 e 20 ocorrências de atributos do total de 25 elencadas. Papahanaumokuakea apresenta a maior quantidade, com 20 dos atributos categorizados na tabela. Tongariro e Trang An guardam em suas paisagens 19 atributos, enquanto Uluru-Kata Tjuta e Pimachiowin Aki contemplam 18 atributos do total de 25. Todas as paisagens sagradas estudadas apresentam todos os cinco primeiros itens da tabela, ao menos 9 do total 12 itens com frequência 4, ao menos 2 dos 5 itens com frequência 3 e ao menos 1 dos 3 itens com frequência 2, na tabela. Assim, nota-se que as paisagens sagradas são formadas por um conjunto de características ambientais, sendo 5 atributos comuns a todas as paisagens (terra, rochas, encostas, água doce e caminhos) acrescidas de 13 a 15 outros elementos, que juntos atribuem à paisagem o valor do sagrado.

Quando comparados os significados dos atributos para cada paisagem, é notada similaridade de 52 significados (também chamados de valores). Deste total, 9 significados são comuns a todas as paisagens, 18 significados são comuns a 4 delas, 14 significados são comuns a 3 dos locais estudados e 11 significados são comuns a 2 paisagens. Apenas 14 dos significados não apresentam similaridade entre as paisagens. Assim, confirmam-se as colocações de Durkheim (1996), Burkert (1996) e Eliade (1999) que afirmam que diferentes religiões apresentam uma unidade e elementos em comum.

Também foram verificadas similaridades na organização das paisagens onde, em todas elas há uma nítida diferenciação entre o plano horizontal (seja ele formado pela planície ou pelas águas) com o plano vertical, formado por montanha, pico rochoso, vulcão ou até por uma ilha. Os planos verticais tendem a marcar os locais sagrados nas diversas paisagens, enquanto os planos horizontais, normalmente, associam-se aos locais comuns e cotidianos. Assim, as montanhas e os picos, assim como as ilhas, atuam como um destaque em meio homogêneo, marcando um referencial e um ponto central significativo. Outro ponto importante é que, em se tratando destas cinco paisagens analisadas, os atributos por si só, vistos de forma isolada, não atribuem o caráter de sagrado, mas vários atributos trabalhando de forma conjunta em um sentido específico trazem um forte caráter de sacralidade ao espaço.

Considerações Finais

É possível afirmar que existem características físicas comuns nas paisagens sagradas estudadas, assim como significados que se repetem em parte dos casos. A lista dos atributos encontrados é extensa e complexa, tanto na organização do conjunto presente nas paisagens quanto nos significados destes elementos naturais para seus respectivos povos. Todos os povos nativos apresentam uma visão integrada com a natureza, entendendo-se parte de um conjunto

em equilíbrio, onde deve haver um respeito profundo a todos os seres e todas as estruturas do ambiente e onde o ser humano tem a responsabilidade de cuidar e manter o equilíbrio. Esta visão, em conjunto com as características físicas identificadas, faz desses lugares espaços especiais de encontro com o divino. Em todas as paisagens foi possível verificar que a paisagem transmite a sensação de pequenez, diante da grandiosidade da natureza, que o ser humano é apenas parte de algo imensamente maior, no qual há uma força por detrás de todo equilíbrio e harmonia existente.

Referências

- Brown, J. M. Charged Moments: Landscape and the Experience of the Sacred among Catholic Monks in North America. *Religions*, v. 10, n. 86, 2019. Disponível em: www.mdpi.com/journal/religions. Acesso em: 5 abr. 2019.
- Burkert, W. *Creation of the sacred: tracks of biology in early religions*. Cambridge: Harvard University, 1996.
- Pimachiowin Aki World Heritage Project. *Nomination for Inscription on the World Heritage List*. Canadá: Unesco, 2016. Disponível em: <https://whc.unesco.org/en/list/1415/documents/>. Acesso em: 27 mar. 2022.
- Carvalho, J. R. *Território da religiosidade: Fé, mobilidade e símbolos na construção do espaço sagrado da Romaria do Senhor do Bomfim em Araguacema, Tocantins*. 2014. Dissertação (Mestrado em Geografia) – Universidade Federal de Goiás, Goiânia, 2014.
- Cassirer, E. *A filosofia das formas simbólicas: o pensamento mítico*. São Paulo: Martin Fontes, 2004. v. 2.
- Ching, F. D. K. *Arquitetura: forma, espaço e ordem*. 3. ed. Porto Alegre: Bookman, 2013.
- Cianca, J. Written by the body: early christian pilgrims as sacred placemakers. *International Journal of Religious Tourism and Pilgrimage*, v. 7, 2019. Disponível em: <https://arrow.dit.ie/ijrtp/vol7/iss1/3>. Acesso em: 4 maio 2019.
- Claval, P. *A geografia cultural*. 3. ed. Florianópolis: EDUFSC, 2007.
- Director of National Parks. *Uluru-Kata Tjuta National Park: Management Plan 2010–2020*. [S.l.]: Director of National Parks, 2010. Disponível em: <https://www.environment.gov.au/system/files/resources/f7d3c167-8bd1-470a-a502-ba222067e1ac/files/management-plan.pdf>. Acesso em: 30 maio 2021.
- Durkheim, É. *As formas elementares da vida religiosa: o sistema totêmico da Austrália*. São Paulo: Martins Fontes, 1996.
- Eliade, M. *O sagrado e o profano: a essência das religiões*. São Paulo: Martins Fontes, 1999.
- Fernandes-Pinto, É.; Irving, M. A. Entre Santos, Encantados e Orixás: uma jornada pela diversidade dos sítios naturais sagrados no Brasil. *Revista Desenvolvimento e Meio Ambiente*, v. 46, p. 37-60, 2018. Disponível em: <https://revistas.ufpr.br/made/article/view/57281>. Acesso em: 7 ago. 2021
- Frascaroli, F. et al. Sacred natural sites in Italy have landscape characteristics complementary to protected areas: Implications for policy and planning. *Applied Geography*, v. 113, 2019.
- Gibson, J. J. The theory of affordances. In: *The Ecological Approach to Visual Perception*. Hillsdale: Lawrence Erlbaum, 1986. Chapter 8.
- Horster, M. Religious Landscape and Sacred Ground: Relationships between Space and Cult in the Greek World. *Revue de l'histoire des Religions*, v. 4, 2010. Disponível em: <http://journals.openedition.org/rhr/7661>. Acesso em: 19 abr. 2019.
- Irani Behbahani, H.; Shirazd, Z.; Momeny, A. A. characters of sacred landscapes, case study: Seydan in fars province. *Journal of Environmental Studies*, v. 37, n. 59, 2011.
- Kaplan, R.; Kaplan, S. *The experience of nature: a psychological perspective*. New York: Cambridge University, 1989.
- Lynch, K. *A imagem da cidade*. São Paulo: Martin Fontes, 1997.
- Moura Neto, A. R. *Hierofania e sacralização da terra: a perspectiva do espaço sagrado a exemplo de Êxodo 3,1-5*. 2009. Dissertação (Mestrado em Ciências da Religião) – Pontifícia Universidade Católica de Goiás, Goiânia, 2009.

- Mu, Y. *Local Perspectives of Sacred Landscapes and Tourism: Exploring the Linkages in Sagarmatha (Mt. Everest) National Park, Nepal*. 2015. Thesis (Master degree of Environmental Studies in Tourism Policy and Planning) – University of Waterloo, Waterloo, 2015.
- Nasar, J.; Li, M. Landscape mirror: The attractiveness of reflecting water. *Landscape and Urban Planning*, v. 66, p. 233-238, 2004.
- New Zealand. *Tongariro National Park Management Plan 2006 – 2016*. Department of Conservation: Tongariro/Taupō Conservancy. October, 2006. 324 p. Disponível em: <https://www.doc.govt.nz/about-us/our-policies-and-plans/statutory-plans/statutory-plan-publications/national-park-management/tongariro-national-park-management-plan/>. Acesso em: 14 mar. 2022.
- Niglio, O. Sacred Landscape for a Global Approach. *Almatourism. Journal of Tourism, Culture and Territorial Development*, n. 8, p. 1-16, 2018. Special Issue. Disponível em: <https://almatourism.unibo.it/article/view/7913>. Acesso em: 3 ago. 2022.
- Ninh Binh. *The Management Plan: Trang An Landscape Complex*. Ninh Binh Provincial People's Committee, 2013.
- Nurfaida, N. et al. Assessing scenic beauty of culture-based landscapes in North Toraja Regency. *Conference Series Earth and Environmental Science*. IOP Publishing. 2019.
- Pallasmaa, J. Light, silence, and spirituality in Architecture and Art. In: Bermudes, J. (ed.). *Transcending Architecture: contemporary views on sacred spaces*. Washington D.C.: The Catholic University of America Press, 2015. p. 19-32.
- Panzini, F. *Projetar a Natureza: arquitetura da paisagem e dos jardins desde as origens até a época contemporânea*. São Paulo: Editora Senac São Paulo, 2013.
- Pungetti, G.; Cinquepalmi, F. Sacred sites, sacred landscapes and biocultural diversity: applying the principles. In: Pungetti, G.; Oviedo, G.; Hooke, D. *Sacred Species and Sites: Advances in Biocultural Conservation*. Cambridge: Cambridge University Press, 2012. p. 407-441.
- Rosendahl, Z. Espaço, o sagrado e o profano. In: Rosendahl, Z. *Uma procissão na geografia*. Rio de Janeiro: EDUERJ, 2018. p. 77-92. Disponível em: <http://books.scielo.org/id/wy7ft/pdf/rosendahl-9788575115015-05.pdf>. Acesso em: 19 mar. 2021.
- Rosendahl, Z. *Espaço & Religião: uma abordagem geográfica*. Rio de Janeiro: EDUERJ, 1996.
- Schier, R. A. Trajetórias do conceito de paisagem na geografia. *Revista RAE GA*, n. 7, p. 79-85, 2003.
- Sponsel, L. E. Sacred Caves of the World: Illuminating the Darkness. In: Brunn, S. (ed.). *The Changing World Religion Map*. Dordrecht: Springer, 2015. p. 503-522.
- State of Hawai'i, National Oceanic and Atmospheric Administration, Office of Hawaiian Affairs and U.S. *Nomination of Papahānaumokuākea Marine National Monument for Inscription on the World Heritage List*. Honolulu, Hawai'i: Fish and Wildlife Service. 2009. Disponível em: <http://whc.unesco.org/en/list/1326/documents/>. Acesso em: 27 de fev. 2021.
- Thorley, A.; Gunn, C. M. *Sacred Sites: an overview*. [S.l.]: The Gaia Foundation, 2007.
- Tuan, Y.F. *Topofilia: um estudo da percepção, atitudes e valores do meio ambiente*. São Paulo: Difel, 1980.
- Ulrich, R. S. View through a window may influence recovery from surgery. *Science: New Series*, v. 224, n. 4647, p. 224-225, 1984.
- Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura. *Orientações para a aplicação da Convenção do Patrimônio Mundial*. [S.l.]: Unesco, 2019. Disponível em: <https://whc.unesco.org/en/guidelines/>. Acesso em: 17 mar. 2021.
- Untea, I. From sacrifice to gift: aesthetic and moral aspects of the experience of awe for the natural environment. *Journal of Aesthetic Education*, v. 54, n. 1, 2020.
- Vietnam. *Trang An Landscape Complex*. Nomination File. Ninh Binh, 2014.
- Wild, R.; Mcleod, C. (ed.) *Sacred Natural Sites: Guidelines for Protected Area Managers*. Gland, Switzerland: IUCN. Best Practice Protected Area Guidelines Series No. 16. 2008. Disponível em: https://cmsdata.iucn.org/downloads/pa_guidelines_016_sacred_natural_sites.pdf. Acesso em: 19 mar. 2021.

Colaboradores

D.R. Duarte colaborou com o desenvolvimento do artigo sob orientação da Profa. Dra. A.G. Santiago, a quem coube também a revisão do artigo.